

## FEMINISMO NEGRO: PRÁTICAS DE EMPODERAMENTO

Ana Vitória Ferreira Luque, Andréia Serem Domingos da Luz<sup>1</sup>, André Luis Ramalho Junior, Izabella Maria Gomes Xavier<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Escola Estadual Maria Leite – Corumbá-MS

[anadluck@outlook.com](mailto:anadluck@outlook.com), [andreiaserem0@gmail.com](mailto:andreiaserem0@gmail.com), [andreramalho.historia@gmail.com](mailto:andreramalho.historia@gmail.com), [izabellaxavier@hotmail.com](mailto:izabellaxavier@hotmail.com)

### Resumo

Brasil carrega pluralidades, mas não ecoa todas as vozes. A tradição patriarcal e escravista está impregnada nas instituições. Para o estabelecimento pleno da cidadania é fundamental romper tal estrutura, através de práticas de empoderamento, como o feminismo negro, uma luta legítima pelo fortalecimento de ações afirmativas, alterando uma lógica excludente, onde a mulher negra fuja do silenciamento e invisibilidade, construindo narrativas específicas e a participação ativa na vida pública. O Projeto Consciência Negra da Escola Estadual Maria Leite e o Coletivo Black Pant exemplificam práticas que refletem sobre a importância da matriz africana na formação cultural do país, promovendo pesquisas, oficinas e debates, que unem política e estética, arte e resistência.

**Palavras-chave:** Feminismo Negro, Empoderamento, Estética, Interseccionalidade.

### Introdução

A tolerância é uma habilidade essencial para o convívio social, sobretudo num país que construiu sua história a partir de diferentes matrizes étnicas e culturais. Apesar da pluralidade, a predominância eurocêntrica é nítida, assentada no patriarcalismo escravista (FAUSTO, 2009). Romper com essa estrutura profundamente elitista é a condição básica para o exercício da cidadania. Para tanto, é fundamental criar espaços de debates, expondo visões de mundo convergentes e conflitantes (CARVALHO, 2012). Nessa direção, a escola pode ser um ambiente favorável para este fórum. A Escola Estadual Maria Leite promove diferentes projetos, entre eles, o da Consciência Negra, com o intuito de refletir sobre o papel do negro na formação cultural do Brasil, principalmente o escravizado. Assim, oportuniza aos seus estudantes um olhar sobre sua realidade histórica, onde são protagonistas, porque expõem suas experiências como ativistas em movimentos sociais organizados, como o Black Pant, que desde 2016 promove diversas atividades, visando o empoderamento da mulher negra da região, através de temas como identidade, autoestima, representatividade política, entre outros.

### Metodologia

Partindo da apresentação dos conceitos fundamentais na intenção de evidenciar diversas situações-problemas, gerando pesquisas, análises e debates que culminaram nas apresentações do Projeto Consciência Negra da Escola Estadual Maria Leite, evento que consta em seu Projeto Político Pedagógico. Onde a participação efetiva das

estudantes em movimentos sociais oportunizou a Oficina de Turbantes e palestra do Coletivo Black Pant na ocasião. Houve a necessidade de pesquisas bibliográficas, levantamento das diferentes abordagens, suas ideologias e os efeitos de seu discurso, bem como refletir sobre as próprias práticas.



Figura 1. Oficina de Turbantes na Escola Maria Leite.

### Resultados e Discussão

O feminismo, enquanto movimento organizado, historicamente comporta diferentes objetivos. Seja pelo direito ao voto até o direito de existir publicamente. A vertente negra do feminismo evidencia disparidades, pontos de partida desiguais. Seu recorte problematiza o “sujeito mulher” como elemento universal, onde a questão gênero pode aproximar, outras especificidades distanciam. Trata-se de um feminismo interseccional, ou seja, perpassa diferentes opressões, como de gênero, raça e classe social. Não se trata da primazia de uma sobre a outra, mas de seu resultado perverso (RIBEIRO, 2015). Mais de três séculos de escravização erguem seu legado: o Índice de Vulnerabilidade Social (IPEA) de pessoas negras é de 48%, onde a diferença com as brancas é de 37%. Na prática, isso representa 61% da população carcerária, relevante taxa de analfabetismo (11%), a grande maioria entre as mortes violentas intencionais, um jovem negro assassinado a cada 23 minutos (Anistia Internacional). Desse modo, situações radicalmente diferentes (RIBEIRO, 2015). O feminismo negro no Brasil possui laços fortes desde os anos 80, a partir do III Encontro Feminista Latino-americano, que possibilita a organização dos primeiros coletivos de mulheres negras (MOREIRA, 2016). Na cidade de Corumbá/MS, desde 2016, o Coletivo Black Pant (originalmente Crespas e Cacheadas) promove encontros que direcionam práticas de empoderamento da mulher negra da região. Organizando e participando de diversos eventos, como desfiles, cafés literários, oficinas de turbante e tranças, palestras em escolas, entre outros. Suas intervenções problematizam

políticas públicas e formas de preconceito, formam redes de apoio, debatem o papel da mulher negra na sociedade, além da promoção da autoestima, evidenciando as características da estética africana, como na oficina de turbantes no Projeto Consciência Negra da Escola Estadual Maria Leite, em Novembro de 2017. Estética abrange questões como identidade e liberdade. Apresenta valores e juízos. E nesse caminho, a moda é comportamento, sobretudo, político e afirmativo. A *desafricanização* tornou *exótica* as ligações com as origens, por vezes imprópria (LOPES, 2004).



Figura 2. Encontro do Coletivo Black Pant.

## Considerações Finais

As demandas sociais da atualidade são complexas, sendo fundamental que exista nas escolas a problematização do assunto, a criação de um ambiente de tolerância e respeito, com a possibilidade da discussão de qualquer conteúdo, desconstruir os discursos que ainda alimentam ações violentas, através práticas pedagógicas que incluam reflexões sobre questões polêmicas, porque inibe o uso de ideias preconceituosas e intolerantes, viabilizando a pesquisa e o debate. O Feminismo Negro busca práticas de empoderamento e resiste ao acúmulo de opressões, assim, um movimento legítimo e uma luta vital.

## Referências

Carvalho, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 15.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Fausto, Boris. *História do Brasil*. 13.ed. São Paulo: Edusp, 2009.

Moreira, Núbia. *Movimento Feminista Negro no Brasil*. 2016. (47m33s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YIFw> Acesso em: 16 ago 2018.

Lopes, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. 2004, São Paulo: Selo Negro.

Ribeiro, Djamilá. Por um olhar interseccional. *Lugar de Mulher*, 2015. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/feminismo-interseccional/>. Acesso em 29 ago.2018.

Ribeiro, Djamilá. Quem tem medo feminismo negro?. Carta Capital, 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/quem-tem-medo-do-feminismo-negro-1920.html>. Acesso em 18 ago. 2018.